

NOTAS ECONÓMICAS

21

AURORA TEIXEIRA / PEDRO COSME C. VIEIRA

ESCAPING FROM POVERTY THROUGH COMPULSORY SCHOOLING

JOÃO PAULO CABRAL PEREIRA

MEASURING HUMAN CAPITAL IN PORTUGAL

ARGENTINO PESSOA

REFORMA ECONÓMICA E CONVERGÊNCIA

AIDA ISABEL TAVARES

AS CAUSAS SÓCIO-CULTURAIS E POLÍTICO-ECONÓMICAS DA CORRUPÇÃO

REVISTA DA FACULDADE DE ECONOMIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA



As Causas Sócio-culturais e Político-económicas da Corrupção: uma análise para vários países

Aída Tavares

ISEG

1. Introdução

A corrupção sempre foi um problema social que os governos tentaram controlar e que a sociedade em geral não aceita. O World Values Survey mostra que “aceitar um suborno enquanto se desempenham funções profissionais” “nunca é justificado” para a maioria dos inquiridos em vários países do mundo. Contudo, a corrupção está presente em quase todos os países, com mais ou menos intensidade, porquê? Porque será que alguns países apresentam uma maior predisposição para níveis mais elevados de corrupção?

Neste trabalho vamos tentar responder a esta questão, sugerindo algumas explicações para os diferentes níveis de corrupção entre os países. A nossa hipótese de base é de que a cultura e os valores partilhados pelas pessoas de um país podem influenciar a forma como as pessoas se comportam, os níveis de compromisso com o trabalho e vida económica, o funcionamento das instituições e bases legais, o desempenho económico nos países (Hofstede, 1980; Franke *et al.*, 1991; Scharf e Mathúna, 1998) e, portanto, o seu nível de corrupção.

Mas não só os aspectos culturais são determinantes do nível de corrupção, dentro da nossa hipótese, os factores económicos e políticos são também relevantes. Nesta análise vamos utilizar um modelo de regressão linear para investigar a importância destes factores explicativos do nível de percepção da corrupção.

Desta forma, começaremos por apresentar os aspectos teóricos e as nossas hipóteses. Explicaremos de seguida as dimensões culturais e as variáveis económicas usadas no nosso modelo. Depois, apresentamos os modelos estimados, bem como, os resultados obtidos. Por fim, analisamos e discutimos os resultados, apresentamos as limitações do nosso trabalho e propomos futuras linhas de investigação.

2. Teoria e hipóteses

Apesar da inexistência de uma definição universal de corrupção, vamos defini-la de uma forma abrangente como sendo um comportamento individual que procura a obtenção de ganhos privados pela utilização da sua posição numa organização privada ou estrutura pública. Há alguns modelos económicos que procuram explicar como é que a corrupção surge como um equilíbrio estável (Andvig e Moene, 1990; Ehrlich e Lui, 1999; Shleifer e Vishny, 1993; Tirole, 1996). Não podemos, no entanto, basear a explicação da corrupção exclusivamente em factores económicos, há que considerar também os factores históricos, sociais e culturais que parecem desempenhar um papel importante (Bonaglia *et al.*, 2001; Licht *et al.*, 2003; Mocan, 2004; Treisman, 2000). Seguidamente, descrevemos as determinantes culturais, as determinantes político-económicas e a variável dependente da corrupção.

2.1. As variáveis explicativas sócio-culturais

Por cultura entende-se um sistema abrangente de significados, símbolos, valores e pressupostos sobre o que é bom ou mau, legítimo ou ilegítimo que sustenta as práticas e normas de sociedade, assim como justifica e orienta as formas de funcionamento das instituições sociais (Kluckholm, 1951). Não é fácil estabelecer características culturais de forma a poderem ser operadas de forma numérica. Existem dois estudos importantes que procuraram fazer isto, em particular, o de Hofstede e o de Schwartz, que a seguir explicamos.



As quatro características culturais de Hofstede

Hofstede inquiriu mais de 117000 empregadas de uma empresa multinacional, em 40 países, entre 1967 e 1973, e definiu e ordenou quatro dimensões culturais: distância de poder (DP), evitamento da incerteza (EI), masculinidade (MAS)/ feminilidade e individualismo (IND)/ colectivismo.

A distância hierárquica ou distância de poder reflecte o grau de deferência que os indivíduos projectam sobre os seus superiores hierárquicos, assim como a necessidade de manter e respeitar um afastamento (social) entre um líder e os seus subordinados. Nos países de elevada distância, superiores e subordinados consideram-se desiguais por natureza, motivando-se grande reverência pelas figuras de autoridade e atribuindo-se muita importância aos títulos e ao *status*. Ao contrário, em países com baixa distância hierárquica, a dependência dos subordinados relativamente aos chefes é limitada, considerando-se iguais por natureza. Assim, esperamos encontrar uma relação negativa entre a distância de poder e a transparência ou percepção de não corrupção.

A dimensão individualismo-colectivismo caracteriza o grau em que a identidade individual é definida com base nos objectivos e realizações pessoais ou em função dos interesses colectivos dos grupos aos quais o indivíduo se encontra ligado. Existe uma tendência para que os países mais individualistas sejam, também, caracterizados por uma menor distância hierárquica, por isso, esperamos encontrar uma relação positiva entre o individualismo e o indicador de transparência.

A masculinidade e feminilidade representam, também, os extremos de uma dimensão que tem, num pólo, o alcance de objectivos e a ambição e, no outro a ênfase na harmonia interpessoal. Nas sociedades mais masculinas, homens e mulheres têm papéis distintos: o homem deve ser forte, impor-se e interessar-se pelo sucesso material, enquanto que a mulher será mais modesta, terna e preocupada com a qualidade de vida. Ao passo que nas sociedades mais femininas, o papel dos homens e das mulheres tende a ser idêntico. De acordo com o trabalho empírico de Swamy *et al.* (2001), que revela que as mulheres se envolvem menos em actividades de suborno, esperamos uma relação negativa entre a masculinidade e a percepção da não corrupção.

O evitamento da incerteza reflecte o grau de desconforto que as pessoas sentem perante o risco e as incertezas, o nível de aceitação/rejeição da novidade e da diferença, assim como, o grau de importância conferida à estabilidade e ao planeamento. Num enunciado simples, o evitamento da incerteza representa uma espécie de inverso da propensão para o risco – ajudando porventura a explicar o espírito empreendedor de um povo – desta forma, esperamos uma relação negativa entre o evitamento da incerteza e a percepção de transparência.

Estas quatro dimensões culturais são vastamente utilizadas pelos investigadores, não só porque estes dados constituem a maior amostra de práticas culturais em diversos países, mas também porque os valores e práticas sociais e culturais são razoavelmente estáveis ao longo do tempo. Contudo, é possível encontrar outras dimensões que descrevem o funcionamento cultural de um país e Schwartz sugere uma estrutura de análise diferente.

As sete dimensões de Schwartz

Schwartz e os seus colaboradores inquiriram professores durante 1988-1992, de 31 países¹ e Schwartz derivou três características sociais bipolares que se traduzem em sete dimensões culturais: conservadorismo, autonomia intelectual e afectiva, hierarquia, mestria, harmonia e compromisso igualitário.

¹ Em concreto, foram considerados 41 grupos culturais de 38 nações.



Conservadorismo (CONSV) caracteriza as sociedades em que os interesses de uma pessoa não são vistos como distintos dos interesses do grupo, daí a importância do *status quo*, da propriedade e da ordem social tradicional estabelecida.

Autonomia opõe-se ao conservadorismo e inclui os valores culturais que consideram a pessoa como uma entidade autónoma, quer a nível intelectual (espírito aberto e criatividade) [AUTINTEL], quer a nível afectivo (prazer e gozo da vida) [AUTAF].

Hierarquia (HIER) é a dimensão que inclui os valores culturais como riqueza, poder social, autoridade, influência e humildade que enfatizam a legitimidade do papel hierárquico e de distribuição dos recursos.

Mestria (MEST) compreende as autocompetências e autoconhecimento que se usa para modificar o meio envolvente e para competir socialmente, inclui valores como a ambição, o sucesso, a independência, a coragem e a escolha própria dos objectivos.

Compromisso igualitário (IGUAL) emerge como o oposto das dimensões de hierarquia e mestria e compreende os valores que não promovem os interesses individuais mas o bem-estar dos outros. Esta dimensão inclui valores culturais como a igualdade, a lealdade, a honestidade, a responsabilidade, a justiça social e a entreaajuda.

Harmonia (HARM) é a última dimensão e opõe-se a mestria, portanto, aos valores que promovem a mudança activa do mundo através do esforço próprio e exploração das pessoas e dos recursos.

Em termos gerais, podemos dizer que as três características culturais bipolares são conservadorismo/autonomia, hierarquia/igualdade e mestria/harmonia, que reúnem entre si valores sócio-culturais contrários. Esperamos encontrar uma relação positiva entre o conservadorismo, a hierarquia e a harmonia e o nível de percepção da corrupção num país porque nas sociedades que apresentam uma elevada preferência por estes valores, motivam-se os comportamentos ocultos das pessoas que procuram melhorar a sua riqueza, rendimento ou lucro.

Poder-se-á perguntar qual a relação entre as dimensões de Hofstede e de Schwartz. Nenhuma, seria a resposta. De acordo com o artigo de Schwartz (1994), as duas estruturas de análise não são directamente comparáveis porque a correlação entre as dimensões das duas estruturas não apresenta significância estatística, com excepção de alguns casos. E só nestes casos, será possível encontrar alguns elementos comuns e fazer algumas inferências sobre as relações entre os valores e práticas culturais de um país e o seu nível de corrupção.

2.2. As variáveis explicativas político-económicas

As variáveis económicas que vamos utilizar nos nossos modelos são o índice de desenvolvimento humano, o coeficiente de Gini, um índice de abertura económica do país e um indicador de estabilidade política.

O índice de desenvolvimento humano, calculado pela UNDP², é uma boa síntese do nível de desenvolvimento de um país. Este índice mede o desempenho de cada país em três dimensões básicas do desenvolvimento humano – longevidade e vida saudável, conhecimento/educação e nível de vida – e baseia-se nos seguintes indicadores: esperança de vida à nascença, taxa de literacia adulta e rácio bruto de escolarização e, por fim, o PIB *per capita*. Optámos por utilizar uma média simples do índice ao longo de 10 anos (IDHME) de forma a termos um efeito ao longo do tempo, controlando assim as flutuações de curto prazo e evitando as inferências estáticas feitas para um ano ou um curto prazo de tempo, o que não permitiria tirar conclusões sobre os efeitos duradouros da cultura do país.

2 United Nations Development Program, *Human development report*.



Espera-se que os países mais desenvolvidos tenham um nível de corrupção mais baixo, uma vez que a sociedade apresenta níveis de bem-estar mais elevados³ e uma melhor qualidade das instituições legais e governativas. Esta relação empírica foi observada anteriormente (Acemoglu *et al.*, 2001; Davis e Ruhe, 2003; Mauro, 1995; Paldam, 2002; Treisman, 2000). Testámos a possibilidade desta variável ser endógena na regressão, usando o PIB *per capita* (em PPC, a preços constantes de 1995, em dólares internacionais, das séries do World Development Indicators, do Banco Mundial) como variável instrumental num teste de Hausman e não verificámos a sua endogeneidade.

O coeficiente de Gini (GINI) mede a desigualdade económica num país e é retirado dos inquéritos do Banco Mundial levados a cabo entre 1990 e 2002. Esperamos que quanto maior for este coeficiente, maior será o nível de corrupção, pois as pessoas sentem a tentação de satisfazer os seus desejos pessoais pela utilização das suas posições na estrutura pública (ou privada). Esta variável não é usada usualmente na explicação do nível de corrupção⁴, mas pensamos que a desigualdade económica pode ser um factor relevante na motivação das pessoas enveredarem por actividades ilícitas dado que, no geral, existe aversão à desigualdade de rendimento/riqueza (Lambert *et al.*, 2003).

O índice de abertura económica (ABER) é uma forma de medir a facilidade de acesso a produtos e serviços estrangeiros e de outras influências provenientes de outros países. Para medir a abertura económica do país construímos um índice que reflecte a média de comércio de um país ao longo de mais de uma década e que basicamente corresponde ao quociente entre a soma das exportações com as importações e a soma dos PIBs. Espera-se que quanto mais aberto é o país, menos corrupto se afigure, tal como outros trabalhos empíricos já o verificaram (Bonaglia *et al.*, 2001; Neeman *et al.*, 2003; Wei, 2000). A explicação para esta relação está no facto de a corrupção danificar as relações comerciais entre países (Neeman *et al.*, 2003) e de a tendência para a autarcia funcionar como um véu sobre a transparência das instituições e organizações, que desencoraja as relações externas.

Poder-se-á pensar que o indicador de abertura de um país é uma variável endógena. Mas esta preocupação foi já considerada por outros autores. Bonaglia *et al.* (2001) testaram a endogeneidade, utilizando as variáveis instrumentais trópicos, população e tempo mas não verificaram a possibilidade de endogeneização. Treisman (2000) e Neeman *et al.* (2003) não encontraram variáveis instrumentais apropriadas e, por isso, trataram o indicador do grau de abertura como uma variável exógena. Também Wei (2000) considerou esta variável como exógena e, conseqüentemente, neste trabalho vamos também considerar o indicador de abertura económica como variável exógena.

Finalmente, consideramos uma variável de cariz político. A maior parte dos trabalhos empíricos inclui uma variável que reflecte o nível democrático do país. Contudo, por um lado, não há conclusões consensuais sobre a sua relevância estatística⁵. Por outro, como vamos utilizar variáveis explicativas que reflectem valores culturais, a utilização conjunta com uma variável de democracia geraria multicolinearidade⁶ (Quadro 1). Uma democracia duradoura tem uma influência histórica nos valores culturais da sociedade e, por isso, os efeitos da democracia na cultura de um país estão já considerados nas variáveis culturais. Aliás, testamos a possibilidade de redundância da variável democracia mas rejeitámos o modelo que inclui esta variável.

3 Em particular, os salários mais elevados pagos pelo sector público (e privado) motivam uma propensão mais baixa para a oferta e aceitação de subornos.

4 Licht *et al.* (2003) usaram também esta variável no seu trabalho.

5 Enquanto que Treisman (2000) e Bonaglia *et al.* (2001) obtiveram coeficientes estatisticamente significativos para a democracia, Wei (2000) e Paldam (2002) não encontraram tal resultado.

6 Contudo, a correlação entre as variáveis culturais e o indicador da democracia não é tão vincada nas dimensões culturais de Schwartz.



Testamos também a possibilidade de endogeneidade usando o índice Gastil⁷ como variável instrumental e rejeitamos igualmente esta possibilidade. O facto mais relevante dos países e das democracias é sua estabilidade ao longo do tempo (Mocan, 2004; Treisman, 2000) e esta informação é melhor representada por um indicador de estabilidade política (ESTABPOL). Este indicador é dado por um índice calculado por Kauffman *et al.* (2002) para o período 2000/01, que capta a possibilidade de mudanças indesejáveis e de quebras nas políticas, capta também a possibilidade de os cidadãos elegerem e substituírem aqueles que estão no poder. Quanto mais elevado for este índice, mais estável é o país ao nível político e, portanto, menor também o seu grau de corrupção.

Quadro 1 – Correlações entre a democracia e as dimensões de Hofstede e Schwartz

	(menos) democracia		(menos) democracia
MAS	0.08	AUTAF	-0.40
DP	0.70	AUTINTEL	-0.48
IND	-0,71	IGUAL	-0.59
EI	0.003	HIER	0.70
		HARM	-0.43
		CONSV	0.51
		MEST	0.44

Nota: democracia é dada pelo índice de Gastil que mede o nível de liberdade de um país: quanto mais elevado for o índice, menor é o grau de liberdade e do enquadramento democrático do país.

2.3. A variável dependente da corrupção

O índice de corrupção utilizado é o Índice de Percepção da Corrupção (IPC) calculado pela agência Transparency International e publicado no seu relatório anual de 2003, que é o ano que inclui o maior número de países. Este índice de corrupção varia entre 1 e 10 e é tanto mais elevado quanto maior o nível de transparência do país e menor para os países com uma maior propensão para a corrupção. Por um lado, dado que os efeitos culturais são duradouros no tempo, parece apropriado usar uma variável de corrupção com uma diferença temporal face às variáveis culturais explicativas. Por outro, os efeitos económicos são alisados ao tomarmos as médias por um período de cerca de 10 anos, que antecede o ano considerado do IPC.

3. Metodologia e resultados

Vamos estimar dois modelos de regressão linear:

i) o primeiro modelo utiliza as dimensões culturais de Schwartz:

$$\text{Percep.da Corrupção} = \text{const} + \alpha_1 \text{ conservadorismo} + \alpha_2 \text{ harmonia} + \alpha_3 \text{ hierarquia} + \beta_1 \text{ desenvolvimento} + \beta_2 \text{ abertura} + \beta_3 \text{ desigualdade económica} + \delta_1 \text{ estabilidade política} + \text{erro}_1$$

ii) o segundo modelo utiliza as dimensões culturais de Hofstede:

$$\text{Percep.da Corrupção} = \text{const} + \alpha_4 \text{ dist.de poder} + \alpha_5 \text{ evit.incert.} + \alpha_6 \text{ individ} + \alpha_7 \text{ mascul} + \beta_4 \text{ desenvolvimentot} + \beta_5 \text{ abertura} + \beta_6 \text{ desigualdade económica} + \delta_2 \text{ estabilidade política} + \text{erro}_2$$

onde os coeficiente *alfa* são as determinantes culturais, os coeficientes *beta* são as determinantes económicas e os coeficientes *delta* são o factor determinante político do nível de percepção da corrupção. Para realizar estas estimações utilizámos o programa Eviews 4.

⁷ O índice Gastil, para 1999/2000, é calculado pela Freedom House, www.freedomhouse.org.

O modelo i), que utiliza os valores culturais de Schwartz, não considera todas as dimensões da abordagem de Schwartz uma vez que a sua inclusão seria redundante. No Quadro 2 apresentamos as correlações entre as diferentes dimensões de Schwartz.



Quadro 2 – Correlações entre as dimensões culturais de Schwartz

	AUTAF	CONSV	IGUAL	HARM	HIER	AUTINTEL	MEST
AUTAF	1	-0,73	0,43	0,11	-0,27	0,56	0,13
CONSV		1	-0,72	-0,32	0,44	-0,75	-0,07
IGUAL			1	0,41	-0,62	0,38	-0,17
HARM				1	-0,6	0,46	-0,45
HIER					1	-0,48	0,39
AUTINTEL						1	-0,22
MEST							1

A partir deste Quadro 2, podemos ver que o conservadorismo está muito correlacionado com a igualdade e com a autonomia, quer intelectual, quer afectiva, como se esperaria das relações bipolares destas dimensões culturais. Dadas estas correlações, deixámos de fora estas duas últimas dimensões culturais. Por outro lado, como a mestria tem uma interpretação contrária à de harmonia, como anteriormente descrevemos, optámos por considerar as seguintes dimensões culturais: hierarquia, harmonia e conservadorismo, tal como o próprio Schwartz fez num trabalho realizado com Licht *et al.* (2003).

Adoptámos um modelo linear porque o teste *Reset* revelou que rejeitamos a hipótese de que os coeficientes não lineares do índice de percepção da corrupção estimado sobre o resíduo sejam nulos, isto é, a forma linear é adequada.

As variáveis culturais são fornecidas pelos dados apresentados nos trabalhos de Hofstede e Schwartz. Infelizmente, as amostras não incluem os mesmos países e a amostra de Schwartz tem um menor número de países do que a amostra de Hofstede, daí que a dimensão final da nossa amostra seja pequena. Por este facto, não nos foi possível incluir nos nossos modelos factores explicativos que contemplassem a interacção entre as variáveis culturais e as económicas como Paldam (2002) considerou⁸.

As estimações das regressões usando as dimensões de Schwartz são apresentadas no Quadro 3.

Como podemos ver no Quadro 3, as variáveis culturais são estatisticamente significativas e quando consideradas sozinhas elas representam 44% da variância do nível de corrupção.

Quanto mais elevada é a transparência de um país, maior a valorização da honestidade, menos relevantes são os valores associados ao conservadorismo, harmonia e hierarquia. E consequentemente, mais fortes são os valores da bipolaridade das dimensões da autonomia e mestria.

Por outro lado, as variáveis económicas têm também significância estatística. Como esperado, o nível de desenvolvimento está altamente correlacionado com os níveis de corrupção: quanto mais elevado é o nível de transparência, mais reduzidos os níveis de corrupção num país, mais desenvolvido é esse país. Aliás, a maior influência sobre a corrupção é originada pelo nível de desenvolvimento, que apresenta os coeficientes estimados mais elevados.

⁸ Note-se, contudo, que Paldam (2002) utilizou a abordagem cultural por área geográfica que é bastante mais simplificada e redutora nas inferências relativas aos valores e dimensões culturais.



Quadro 3 – Regressão do primeiro modelo usando as dimensões culturais de Schwartz (variável dependente: Índice da Percepção da Corrupção)

Variável	Coef. (t-estat.)	Coef. (t-estat.)	Coef. (t-estat.)
C	34.13* (8.00)	-0.005 (-0.003)	18.21** (3.61)
CONSV	-2.65* (-3.02)		-1.56# (-1.75)
HARM	-2.71* (-3.73)		-1.78* (-2.93)
HIER	-2.54* (-4.50)		-0.86# (-1.83)
IDHME		6.6* (3.16)	4.59* (3.73)
ABER		1.1* (2.63)	0.81 (1.47)
GINI		-0.03 (-1.46)	-0.04*** (-2.36)
ESTABPOL		1.11* (3.40)	0.9# (1.85)
R ²	0.44	0.75	0,80
R ² Adj.	0.38	0.73	0,72
F	7.08	32.11	9,56
N	31	48	24

Nota: * significativo a 1%; ** significativo a 2%; *** significativo a 5%; # significativo a 10%.

Método de estimação OLS.

White Heteroskedasticity-Consistent Standard Errors and Covariance

A outra relação estatística significativa é entre o nível de percepção de transparência e o coeficiente de Gini, apesar do valor estimado ser muito pequeno. Quanto maior a desigualdade económica do país, maior a probabilidade dos comportamentos de corrupção.

Não encontramos uma relação estatisticamente significativa entre o grau de abertura e o índice de corrupção, que poderá ser explicado pela reduzida dimensão da amostra dado que a perda de significância ocorre quando introduzimos a variável explicativa estabilidade económica. No entanto, o sentido da correlação indicaria que um maior grau de abertura resultaria em menores níveis de corrupção.

Finalmente, verificamos que a estabilidade política explica o nível de corrupção de um país. Quanto mais estável é a vida política de um país, maiores serão os níveis de transparência.

A seguir apresentamos os resultados quando consideramos as dimensões de Hofstede (Quadro 4).

No Quadro 4 podemos ver que as variáveis culturais explicam 62% da variância do índice de corrupção. Os níveis mais elevados de transparência ocorrem em países com baixa relevância de distância de poder e de masculinidade, pouco evitamento da incerteza e forte cultura do individualismo. Os resultados obtidos são idênticos aos de Davis & Ruhe (2003) que obtiveram também coeficientes estatisticamente significativos para todas as dimensões culturais, excepto para o evitamento da incerteza.

Ao contrário dos coeficientes estimados anteriormente para as dimensões de Schwartz, os valores agora estimados são numericamente mais pequenos, talvez porque os dados foram recolhidos há muito mais tempo, resultando nalguma diluição dos efeitos culturais nas variáveis contemporâneas.



Quadro 4 – Regressão do segundo modelo usando as dimensões culturais de Hofstede (variável dependente: Índice da Percepção da Corrupção)

Variável	Coef. (t-estat.)	Coef. (t-estat.)	Coef. (t-estat.)
C	7.77* (4.59)	-0.005 (-0.003)	2.15 (1.22)
DP	-0.03* (-2.68)		-0.019*** (-2.03)
EI	-0.01 (-0.96)		-0.009# (-1.68)
IND	0.05* (3.78)		0.027*** (3.1)
MAS	-0.03*** (-2.21)		-0.025# (-2.87)
IDHME		6.6* (3.16)	4.84** (2.34)
ABER		1.1* (2.63)	1.07* (4.12)
GINI		-0.03 (-1.46)	0.004 (0.19)
ESTAB.POL.		1.11* (3.40)	0.6*** (2.17)
R ²	0.62	0.75	0.87
R ² Adj.	0.59	0.73	0.84
F	17.63	32.11	27,15
N	48	48	40

Nota: * significativo a 1%; ** significativo a 2%; *** significativo a 5%; # significativo a 10%.

Método de estimação OLS

White Heteroskedasticity-Consistent Standard Errors and Covariance

Tal como tínhamos obtido anteriormente, quanto mais desenvolvido é o país e quanto mais aberto for, menores são os níveis de percepção da corrupção. E o mesmo acontece com a estabilidade política, que apresenta coeficientes estimados aproximados dos estimados no modelo anterior. E tal como anteriormente, o coeficiente com maior impacto sobre a corrupção é o nível de desenvolvimento, seguido do coeficiente do grau de abertura, que não apresentam valores muito distintos entre as duas regressões.

No entanto, a desigualdade económica não tem uma relação estatística significativa com o nível de corrupção, como tínhamos obtido nas estimativas do modelo com as dimensões de Schwartz. O resultado agora obtido pode justificar-se pela reduzida dimensão da amostra, embora tenha também sido registado por Licht *et al.* (2003).

4. Conclusão

É difícil procurar explicações para a corrupção devido a falta de compreensão que se tem sobre os mecanismos e as relações estruturais que se estabelecem entre as diferentes determinantes. Em particular, é difícil separar valores e práticas culturais de outras variáveis históricas e político-económicas. Apesar disto, tentámos fazê-lo utilizando as dimensões culturais de Hofstede e Schwartz.

Os resultados empíricos obtidos nas estimações das regressões lineares foram, em geral, esperados. Mostrámos que as variáveis económicas desempenham um papel primordial na



explicação dos níveis de percepção da corrupção. Em particular, o nível de desenvolvimento de um país, cuja a *proxy* usada foi uma média simples do índice de desenvolvimento humano, apresentou sempre coeficientes elevados e estatisticamente significativos. O grau de abertura é também outra variável económica relevante na explicação da corrupção, apesar de no modelo final estimado para as dimensões de Schwartz isso não se tenha revelado, provavelmente devido ao reduzido número de graus de liberdade. Desta forma, encontrámos consistência entre as hipóteses que sugerem que quanto mais desenvolvido é um país e quanto maior for a sua abertura ao exterior, menores são os níveis de corrupção. Poder-se-á esperar que à medida que um país se desenvolve, as pessoas atingem níveis de bem-estar mais elevados e as instituições adquirem maior credibilidade, o que torna as pessoas mais relutantes em oferecer ou aceitar subornos. À medida que um país se abre ao exterior, mais eficientes se têm de apresentar as instituições e as políticas, de forma a sustentar com segurança essas relações com exterior. É este aumento de eficiência que permitirá a melhoria do bem-estar do país e o seu desenvolvimento com níveis mais baixo de corrupção.

Estas conclusões, ainda que congruentes com resultados empíricos de outros trabalhos, não podem confirmar a relação de causalidade que Davis e Ruhe (2003) estabeleceram: a cultura explica a corrupção e esta explica a performance económica do país. Todavia, se por um lado, há trabalhos que confirmam a importância das variáveis culturais na performance económica (Rego e Tavares, 2004), por outro parece-nos limitador a causalidade estabelecida por Davis e Ruhe, uma vez que as variáveis económicas explicam também o nível de corrupção de um país, como argumenta Paldam (2002).

A estabilidade política revelou-se também como um determinante significativo da corrupção. E esta relação está relacionada, até um certo ponto, com o facto de o desenvolvimento estar associado a governos (democráticos) mais estáveis e a políticas e instituições mais credíveis que não encorajam os comportamentos ilícitos de corrupção. Dos resultados obtidos, poderemos dizer que a estabilidade política e democrática dos países motiva os comportamentos de honestidade das pessoas. É por esta razão que encontrámos uma relação tão clara entre os baixos níveis de corrupção e a democracia, a estabilidade política, a fraca relevância da hierarquia social ou a distância de poder, a elevada autonomia intelectual e a forte eficácia do governo e do papel da lei na sociedade. Talvez exista uma relação intrínseca nos países mais desenvolvidos entre os elevados níveis de transparência e valores democráticos.

Inconclusivo foi o resultado referente à desigualdade económica. Se no modelo que utiliza as variáveis culturais de Schwartz encontrámos uma significativa correlação negativa mas um coeficiente estimado muito pequeno, o mesmo não foi obtido para o modelo que utiliza as variáveis culturais de Hofstede. Esta incongruência poder-se-á explicar, por um lado, pela reduzida dimensão da amostra, e por outro pela possível débil relação de causalidade entre a desigualdade económica e a corrupção implícita nos nossos modelos, uma vez que Gupta *et al.* (1998) concluíram que a direcção de causalidade entre estas duas variáveis é a de que a corrupção motiva a desigualdade económica.

Um resultado interessante que se pode obter deste trabalho é que as variáveis culturais que foram obtidas algumas décadas atrás, têm significância estatística, o que significa que os valores e práticas culturais prevalecem ao longo do tempo. E que quanto mais distante no tempo foram recolhidas essas variáveis, menor é a influência estatística que apresentam sobre outras variáveis contemporâneas.

Os resultados mostram que os países onde os valores associados à harmonia, à hierarquia e ao conservadorismo são mais fortes, tendem a apresentar níveis de percepção da corrupção mais elevados. Ou, olhando a perspectiva cultural de outra forma, os países que dão mais importância à distância de poder, com maior evitamento da incerteza, com níveis de individualismo mais baixo e com maior preferência pelos valores da masculinidade, registam igualmente níveis de corrupção mais elevados.

Este último traço cultural, a masculinidade, foi captado unicamente pelas dimensões culturais de Hofstede. Os resultados obtidos mostram a importância dos valores da masculinidade na explicação dos níveis mais elevados da corrupção, o que corrobora o trabalho empírico anterior de Swamy *et al.* (2001) sobre a corrupção e o género, que mostrou que as mulheres são menos propensas a praticar actos de corrupção.

É possível encontrar algumas interacções entre os valores culturais das dimensões de Hofstede e de Schwartz e a sua relação com a corrupção. Poder-se-á dizer que nos países cujos níveis de hierarquia social são mais significativos e onde a distância de poder é mais forte, existe um uso e abuso da delegação de poder pelos níveis hierárquicos intermédios, que procuram implicitamente reduzir a distância de poder e de hierarquia, estando por isso mais propensos aos comportamentos desonestos.

Igualmente os países com níveis mais elevados de evitamento da incerteza parecem ter valores conservadores mais forte, isto é, menores níveis de iniciativa e empreendedorismo, preferência pela estabilidade e acomodação pública a uma certa situação, o que promove a busca por caminhos ocultos de melhoria do bem-estar, riqueza e lucro individual pela oferta e aceitação de subornos.

Finalmente, nos países mais colectivistas há uma maior preocupação pela justiça social e pela ajuda aos elementos do grupo, isto é, há uma preferência pela harmonia, mas ao mesmo tempo afigura-se menos aceitável uma melhoria explícita da riqueza ou lucro de uma pessoa e, por isso, a corrupção tende a ser vista como uma forma privada de alcançar os objectivos pessoais desejados.

Apesar dos resultados significativos obtidos, este trabalho tem uma limitação: a dimensão da amostra é pequena e talvez não seja diversificada o suficiente pois não inclui países como a Rússia, Hungria, Marrocos, Egipto, Quénia, Tanzânia, Irão e Indonésia que são importantes no espectro das diferentes culturas e economias a nível mundial.

A investigação futura poderá usar o World Values Survey para reunir dados novos e recentes sobre as características culturais dos países e tentar encontrar padrões que permitam explicar melhor a corrupção. Seria também interessante encontrar algumas relações, interacções e causalidades entre as variáveis políticas, históricas e económicas e as variáveis sócio-culturais no âmbito dos comportamentos sociais de corrupção.





Referências Bibliográficas

- Acemoglu, Daron; Simon, Johnson; Robinson, James (2001) The colonial origins of comparative development: an empirical investigation, *American Economic Review*, 91, 5, 982-993.
- Andvig, Jens; Moene, Karl (1990) How corruption may corrupt, *Journal of Economic Behaviour and Organization*, 13, 63-76.
- Bonaglia, Federico; Macedo, Jorge Braga; Bussolo, Maurizio (2001) *How globalization improves governance*, Technical Papers 181, OECD Development Centre.
- Cadot, Olivier (1987) Corruption as a gamble, *Journal of Public Economy*, 33, 223-44.
- Davis, James; Ruhe, John (2003) Perceptions of country corruption: antecedents and outcomes, *Journal of Business Ethics*, 43, 275-288.
- Ehrlich, Isaac; Lui, Francis (1999) Bureaucratic corruption and endogenous economic growth, *Journal of Political Economy*, 107, 270-329.
- Franke, R.; Hofstede, G.; Bond, M. (1991) Cultural roots of economic performance: A research note, *Strategic Management Journal*, 12, 165-173.
- Gupta, Sanjeev; Davoodi, Hamid; Alonso-Terme, Rosa (1998) Does corruption affect income inequality and poverty?, *Working Paper of the International Monetary Fund*, WP/98/76.
- Freedom House (1999/2000), www.freedomhouse.org (acedido em 30/6/2004)
- Hofstede, Geert (1980) *Culture's consequences: international differences in work related value*, Beverly Hills, Sage.
- Kaufmann, Daniel; Kraay, Aart; Zoido-Lobaton, Pablo (2002) *Governance matters II – updated indicators for 2000-01*, WP 2772, Policy Research Working Paper, The World Bank Development Research Group and World Bank Institute, www.worldbank.org/wbi/governance/govdata2001 ou www.worldbank.org/research/growth.
- Cluckhohn, Clyde (1951) Value and value orientations in the theory of action, in Parsons, Talcott; Shils, Edward (eds.) *Toward a General Theory of Action*, Cambridge, Harvard University Press.
- Lambert, Peter; Millimet, Daniel; Slottje, Daniel (2003) Inequality aversion and the natural rate of subjective inequality, *Journal of Public Economics*, 87, 5-6, 1061-1090.
- La Porta, Rafael *et al.* (1997) Trust in large organizations, *American Economic Review Paper and Proceedings*, 87, 2, 333-38.
- Licht, Amir; Goldschmidt, Chanan; Schwartz, Shalom (2003) *Culture rules: the foundations of the rule of law and other norms of governance*, WP 605, William Davidson Institute, University of Michigan.
- Lipsey, Seymour Martin; Lenz, Gabriel (2000) Corruption, culture and markets, in Harrison, Lawrence; Huntington, Samuel (eds.), *Culture matters: how values shape human progress*, New York, Basic Books.
- Mauro, Paolo (1995) Corruption and growth, *Quarterly Journal of Economics*, 110, 3, 681-712.
- Mocan, Naci (2004) *What determines corruption? International evidence from micro data*, WP 10460, NBER.
- Neeman, Zvika; Paserman, M. Daniele; Simhon, Avi (2003) *Corruption and openness*, Discussion Paper Series, Centre for Rationality and Interactive Decision Theory, Hebrew University, Discussion Papers 8.03.



Osborne, Denis (1997) Corruption as counter-culture: attitudes to bribery in local and global society, in Barry Rider (ed.), *Corruption: the enemy within*, Hague, Kluwer Law International, 9-34.

Paldam, Martin (1999) *The big pattern of corruption, Economics, culture and the seesaw dynamics*, WP 1999-11, Centre for Dynamic Modelling in Economics, University of Aarhus ou (2002), The cross-country pattern of corruption: economics, culture and the seesaw dynamics, *European Journal of Political Economy*, 18, 215-240.

Rego, A.; Tavares, A. (2004), Culturas nacionais e índices de desenvolvimento humano, *Economia Global e Gestão*, 9, 1, 33-51

Scharf, W. F.; Mathúna, S. M. (1998) Cultural values and Irish economic performance, in S. Niemeier, R. Dirven; C. Campbell (eds.), *The cultural context in business communication*, Amsterdam/New York, John Benjamins, 145-164.

Schwartz, Shalom (1994) Beyond individualism/collectivism – new cultural dimensions of values, in Kim, Uichol *et al.* (eds.), *Individualism and Collectivism – theory, method and applications*, 18, Cross-Cultural Research and Methodology Series, Sage, Thousand Oaks.

Shleifer, Andrei; Vishny Robert (1993) Corruption, *Quarterly Journal of Economics*, 108, 599-617; ou WP 4372, NBER.

Swamy, Anand; Knack, Stephen; Lee; Young; Azfar, Omar (2001) Gender and corruption, *Journal of Development Economics*, 64, 1, 25-55.

Tirole, Jean (1996) A theory of collective reputations (with applications to the persistence of corruption) and to firm quality, *Revue of Economic Studies*, 63, 1-22.

Treisman, Daniel (2000) The causes of corruption: a cross-national study, *Journal of Public Economics*, 76, 399-457.

Wei, Shang-Jin (2000) *Natural openness and good government*, WP 7765, NBER.

Wei, Shang-Jin (1999) *Corruption in economic development: beneficial grease, minor annoyance or major obstacle?*, <http://netec.mcc.ac.uk/WoPEc/data/Papers/wopwobago2048.html> (acedido em 02/07/04), <http://www.nber.org/~wei>.

World Development Indicators (2003), World Bank, WDI CD-Rom version.

World Values Survey, <http://www.worldvaluessurvey.org/>. (acedido 27/06/04).